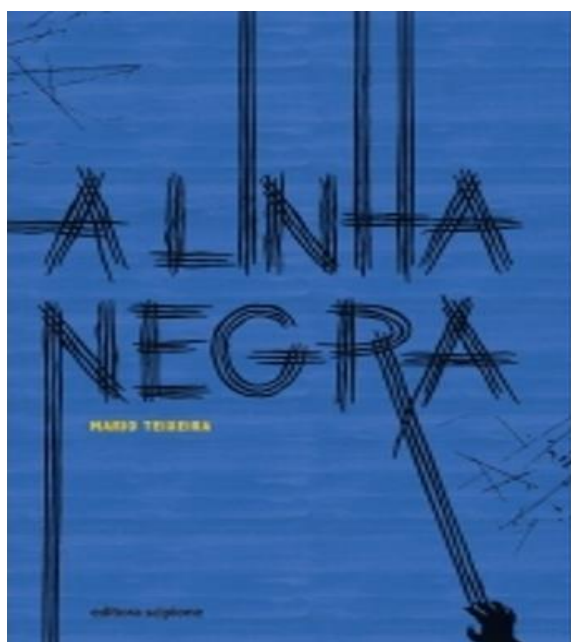


Sinopse:

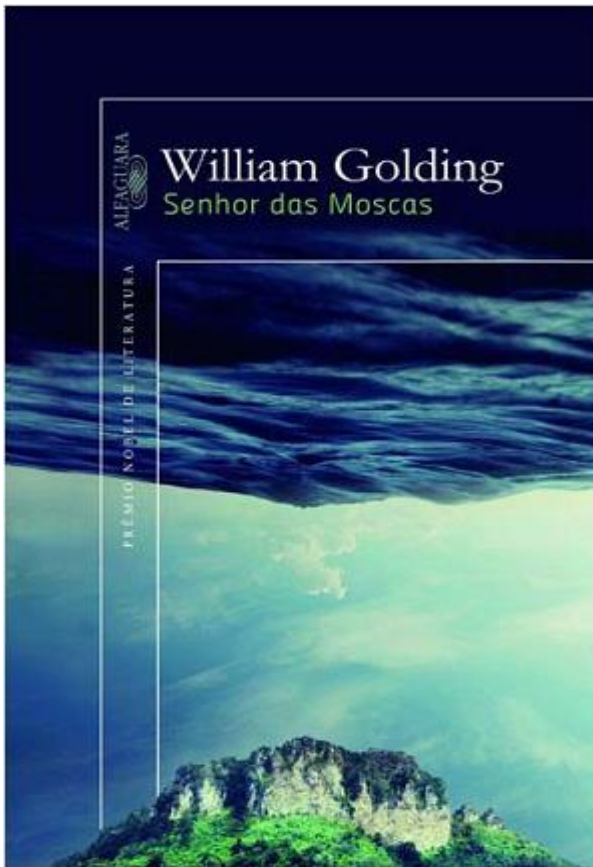
Será que Mozart foi assassinado por Salieri? Tchaikovsky morreu de cólera ou envenenamento? Chopin morreu mesmo tuberculoso? E Beethoven, foi vítima do alcoolismo? A resposta, ou pelo menos algumas hipóteses plausíveis para essas perguntas, estão em Melodia mortal, estreia na ficção adulta de um dos maiores autores para o público juvenil do país. Escrito a quatro mãos por Pedro Bandeira com o médico Guido Levi, o livro examina, à luz dos conhecimentos da medicina contemporânea, os indícios possíveis sobre as mortes polêmicas de alguns grandes compositores da música clássica. E quem conduz a investigação é ninguém menos que Sherlock Holmes, auxiliado pelo seu fiel escudeiro, o doutor John H. Watson, que narra as aventuras do detetive na empreitada. Talvez não seja possível, tanto tempo depois, elucidar a causa dessas mortes que a medicina da época não foi capaz de precisar, mas a diversão é garantida neste romance cheio de teorias científicas e enigmas que formam um intrincado quebra-cabeça, na tradição da melhor literatura policial.



Merecido vencedor do Prêmio Glória Pondé (2015), concedido pela Fundação Biblioteca Nacional

De escrita fluente e agradável, o autor nos apresenta Casimiro, que, tornado soldado, vai lutar na guerra do Paraguai. Após tantas desventuras tão incríveis quanto interessantes, Casimiro vem a se apaixonar por Francisca. Acontece que Francisca é ninguém menos do que a favorita do ditador paraguaio.

"A Linha Negra" é um bom exemplo de como arquétipos são eternos e que histórias de amor impossível, como as de Romeu e Julieta ou de Casimiro e Francisca, são um ótimo mote para histórias bem desenhadas, sobretudo quando o autor é tão competente em nos transportar para seu mundo imaginário - que é, sem dúvida, o caso de Mário Teixeira.



Um dos maiores clássicos da literatura inglesa do Século XX, o livro constrói alegorias a partir da história de um grupo de crianças que, após a queda de um avião no mar, se vêem isoladas e sozinhas em uma ilha deserta. Por envolver personagens infantis, o livro costuma causar identificação com o público jovem. A obra é rica em possíveis interpretações trazendo elementos históricos, culturais e psicológicos, estabelecendo várias reflexões. O livro pode ser lido em diferentes idades e trazer diferentes interpretações, de acordo com o repertório da pessoa.

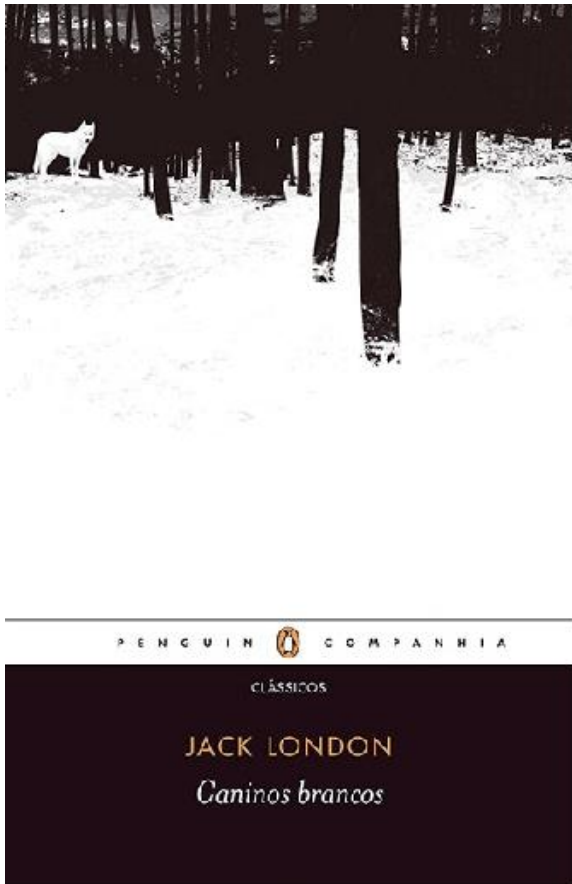
Na sala de aula, o livro pode trazer uma série de debates. Um deles é sobre o estado primitivo do ser humano, já que os garotos vão perdendo a civilidade e tendo uma atitude cada vez mais primitiva. E isso ocorre logo com crianças que são tidas como o símbolo da inocência e pureza, então, é possível debater psicologia a partir disso. Outra questão do livro são os regimes democrático e fascista, que as diferentes formas de organização dos garotos acabam refletindo.”



Intenso como a adolescência e sábio como a maturidade. Assim é *O fazedor de velhos*, escrito pelo carioca Rodrigo Lacerda. A narrativa da obra é feita por Pedro, um estudante do curso de História que está em crise existencial. Será que a História é mesmo o melhor caminho a seguir? Se questionando a este respeito, Pedro busca a sua verdade interior por meio da orientação de um historiador renomado – e rabugento – que se nomeia seu “mestre”. Entre algumas ilusões e desilusões, o livro nos faz pensar no nosso papel na sociedade, seja ele racional ou emocional. Por meio das vivências de Pedro, também passamos a refletir o papel dos pais na formação dos filhos, o papel da literatura na vida das pessoas e em como o tempo pode ou não comprovar como verdadeiros certos paradigmas que carregamos por toda vida.

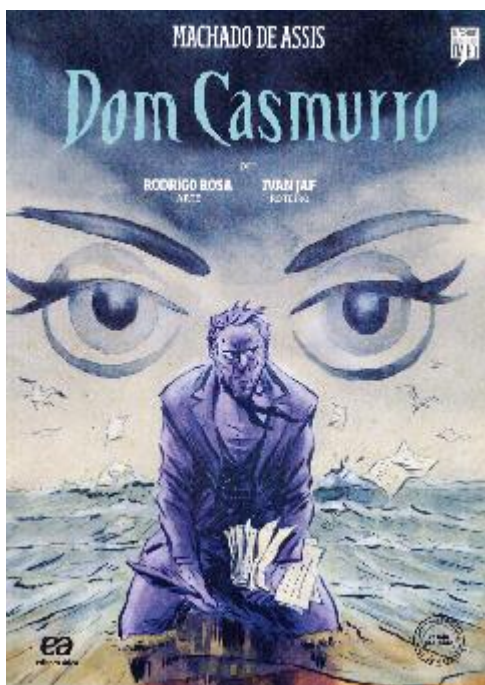
A narrativa é daquelas que nos faz querer devorar o livro desde a primeira linha. Além de ser uma obra bem escrita, as referências que o autor insere ao longo da narrativa e a forma que beira a poesia, faz com que os leitores se apaixonem desde o princípio. Os personagens criados por Lacerda têm dilemas tão inerentes à maioria das pessoas que é impossível não se identificar. Afinal, quem nunca amou, quem nunca se perguntou se fazia ou não a coisa certa, quem nunca perdeu alguém importante?

O fazedor de velhos é um daqueles romances que fazem da nossa vida mais bela, mais leve e, como não poderia deixar de ser, nos torna um pouquinho mais sábios.

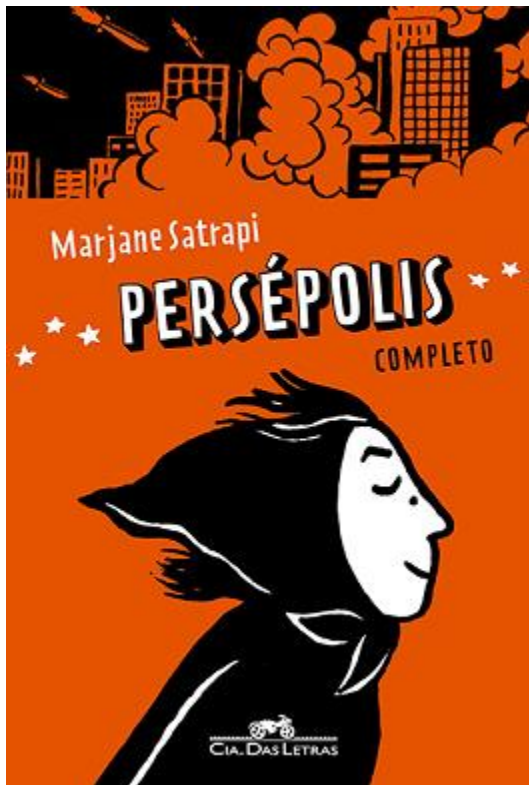


Caninos Brancos é um lobo nascido no território de Yukon, no norte congelado do Canadá, durante a corrida do ouro que atraiu milhares de garimpeiros para a região. Capturado antes de completar um ano de idade, é usado como puxador de trenó e obrigado a lutar pela sobrevivência em uma matilha hostil. Mais tarde repassado a um dono inescrupuloso, é transformado em cão de rinha e, mesmo depois de resgatado desse universo de violência, ainda precisa de um último ato de heroísmo para conseguir sua redenção e finalmente encontrar seu lugar no mundo.

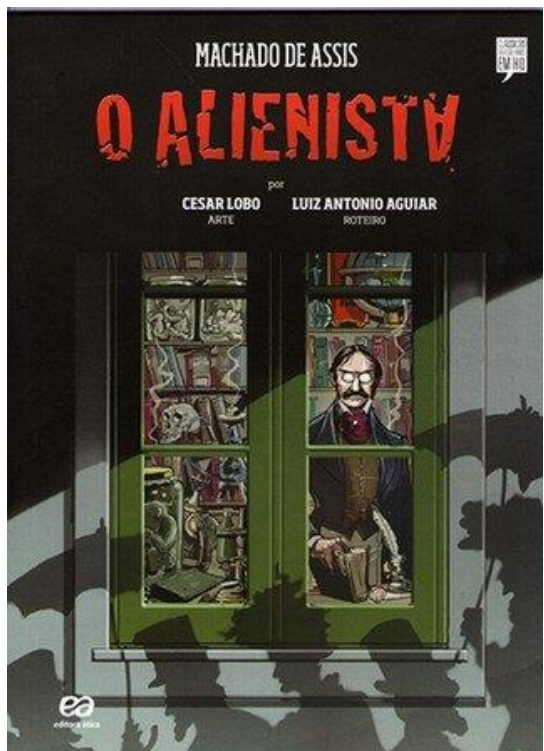
Percorrendo o caminho inverso ao do traçado em *O chamado selvagem* (1903), em que um cão domesticado é obrigado a se adaptar à vida na natureza, em *Caninos Brancos* (1906) Jack London narra a história de um animal que precisa suprimir seus instintos para sobreviver na civilização. Grande sucesso de público desde o lançamento, já foi traduzido para mais de oitenta idiomas e adaptado diversas vezes para o cinema, os quadrinhos e a TV.



Bentinho conhece a vizinha Capitu desde criança, porém só se dá conta de que ambos se amam de verdade quando essa 'amizade' é denunciada a sua mãe - uma senhora rica e religiosa que havia prometido torná-lo padre. Diante do obstáculo, os jovens se unem ainda mais e juram se casar. A paixão deles tem todos os ingredientes de um grande romance...Mas nada é o que parece quando se trata de uma história de Machado de Assis. Uma terrível dúvida - uma dupla traição - pode abalar toda a promessa de felicidade que aparenta aguardar o casal. Neste HQ, o leitor é convocado a encontrar respostas em meio às memórias imprecisas e fantásticas de um narrador amargurado. A adaptação brilha ao lançar um olhar original e ousado sobre uma de nossas obras mais geniais, sem abrir mão de sua poesia e seu mistério. Um presente também para os leitores que já conhecem o clássico.



Marjane Satrapi tinha apenas dez anos quando se viu obrigada a usar o véu islâmico, numa sala de aula só de meninas. Nascida numa família moderna e politizada, em 1979 ela assistiu ao início da revolução que lançou o Irã nas trevas do regime xiita - apenas mais um capítulo nos muitos séculos de opressão do povo persa. Vinte e cinco anos depois, com os olhos da menina que foi e a consciência política à flor da pele da adulta em que se transformou, Marjane emocionou leitores de todo o mundo com essa autobiografia em quadrinhos, que só na França vendeu mais de 400 mil exemplares. Em *Persépolis*, o pop encontra o épico, o oriente toca o ocidente, o humor se infiltra no drama - e o Irã parece muito mais próximo do que poderíamos suspeitar.



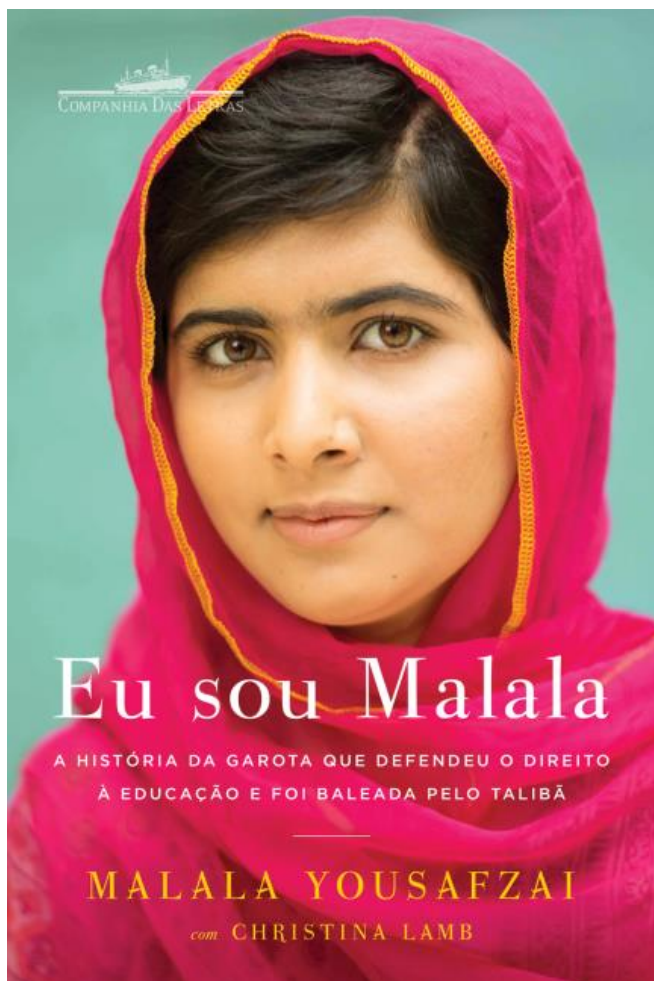
O doutor Simão Bacamarte funda um hospício na pequena cidade de Itaguaí. Mas suas idéias sobre loucura são tão inflexíveis que logo ele interna a cidade inteira. Uma das mais irônicas e sombrias histórias de Machado de Assis ganha adaptação em quadrinhos à altura: com um visual incrível, os desenhos de César Lobo e o roteiro de Luiz Antonio Aguiar apresentam com requinte o universo do mestre da literatura brasileira aos jovens leitores.

Clarice Lispector

LAÇOS
DE FAMÍLIA



Laços de Família, publicado pela primeira vez em 1960, é um tesouro da ourivesaria literária. São treze contos, hoje tidos como clássicos. Entre eles, os festejadíssimos 'Amor', 'O crime do professor de Matemática', 'O búfalo' e 'Feliz aniversário', adaptado para a televisão por Ziembinsky. Neles os personagens são sempre surpreendidos por uma modalidade perturbadora do insólito, no meio da banalidade de seus cotidianos. Clarice cria situações onde uma revelação, que desconstrói e ameaça a realidade, desvela a existência e aponta para uma apreensão filosófica da vida. Em Laços de família, Clarice aprofunda sua técnica narrativa em uma abordagem quase fenomenológica. Trata da solidão, a morte, a incomunicabilidade e os abismos da existência através da rotina de dona-de-casa, do mergulho trágico em uma festa familiar nos 89 anos da matriarca, da domesticação da natureza mais selvagem das mulheres, ou dos pequenos crimes cometidos contra a consciência, contra o drama do professor de Matemática diante do abandono e da sacerdotisa da nossa literatura.



Quando o Talibã tomou controle do vale do Swat, uma menina levantou a voz. Malala Yousafzai recusou-se a permanecer em silêncio e lutou pelo seu direito à educação. Mas em 9 de outubro de 2012, uma terça-feira, ela quase pagou o preço com a vida. Malala foi atingida na cabeça por um tiro à queima-roupa dentro do ônibus no qual voltava da escola. Poucos acreditaram que ela sobreviveria. Mas a recuperação milagrosa de Malala a levou em uma viagem extraordinária de um vale remoto no norte do Paquistão para as salas das Nações Unidas em Nova York. Aos dezesseis anos, ela se tornou um símbolo global de protesto pacífico e a candidata mais jovem da história a receber o Prêmio Nobel da Paz. Eu sou Malala é a história de uma família exilada pelo terrorismo global, da luta pelo direito à educação feminina e dos obstáculos à valorização da mulher em uma sociedade que valoriza filhos homens. O livro acompanha a infância da garota no Paquistão, os primeiros anos de vida escolar, as asperezas da vida numa região marcada pela desigualdade social, as belezas do deserto e as trevas da vida sob o Talibã. Escrito em parceria com a jornalista britânica Christina Lamb, este livro é uma janela para a singularidade poderosa de uma menina cheia de brio e talento, mas também para um universo religioso e cultural cheio de interdições e particularidades, muitas vezes incompreendido pelo Ocidente.